

## ARTIGO

# A caixa preta das notícias

Há 20 anos, Adelmo Genro Filho lançava o livro **O Segredo da Pirâmide** - uma teoria marxista do jornalismo, uma obra em alguns aspectos datada e, em outros, ainda muito pertinente. A partir de categorias filosóficas, o autor considera o jornalismo como uma forma de conhecimento cristalizada no singular (o menos generalizante, o que não se repete, o que é idêntico só a si mesmo). Já a ciência é uma forma de conhecimento cristalizada no universal e a arte, no particular.

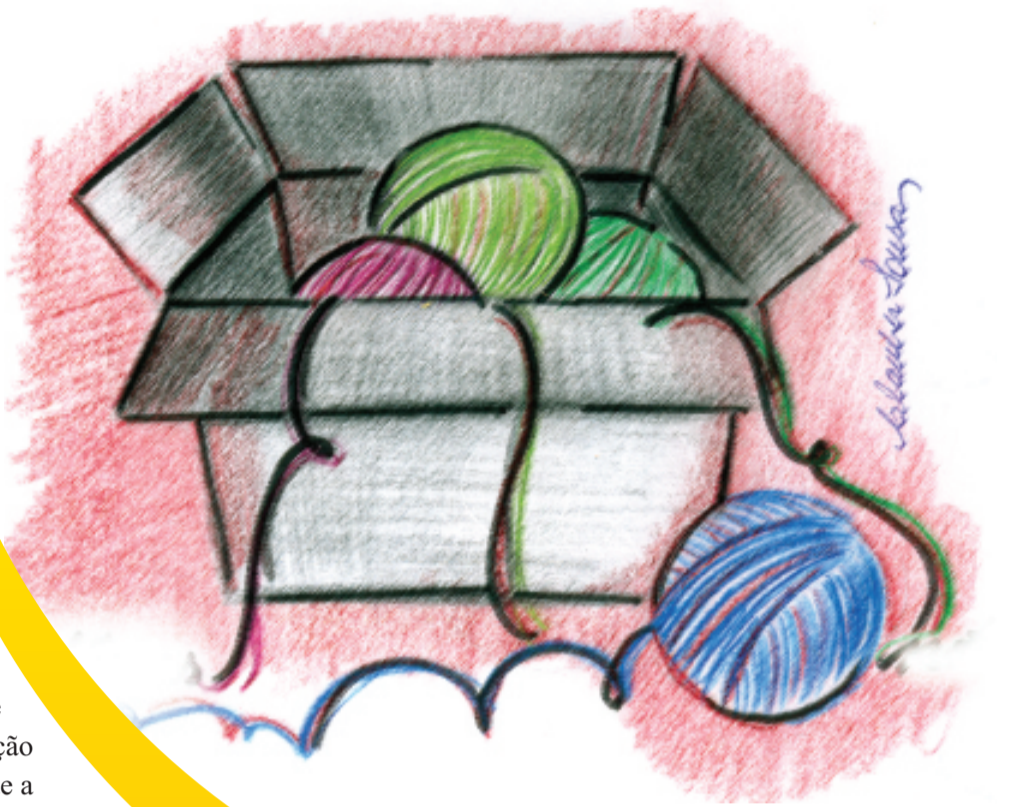
Há uma idéia corrente de que o jornalismo fragmenta o real e, por isso, é necessariamente manipulatório e alienante. Genro Filho combate essa concepção ao afirmar que o jornalismo não atomiza a realidade pelo simples motivo que a realidade não se oferece imediatamente à percepção como algo íntegro.

O singular apreendido pelo jornalismo varia no contexto histórico e social. O que é singular para cientistas, por exemplo, pode ser uma abstração aborrecida para os leigos. O que é singular para alguém da classe C, pode não ser para alguém da classe A.

Assim, as publicações elegeam algumas singularidades para “comandar” suas notícias. Para exemplificar, duas manchetes dos jornais de 2 de agosto de 2007, sobre o acidente com o avião da TAM: a da *Folha de São Paulo*, “**Falha ocorreu 2 segundos antes do pouso**” e a outra, publicada pelo *Diário de S. Paulo*, “**Oh, meu Deus**”. Todos os jornais dispunham das mesmas informações originadas da análise da caixa preta do avião. Entretanto, cada jornal optou por puxar um fio da trama de informações disponíveis. A manchete que detalha a informação foi a da *Folha*, destinada a um público classe A. A do *Diário de S. Paulo* (classes B e C), já não revela informação propriamente dita, não amplia a compreensão dos leitores sobre o fato. É o relato da sensação, da experiência imediata e sensível, sem reflexão.

“O jornalismo reproduz os fatos pelo imediato”

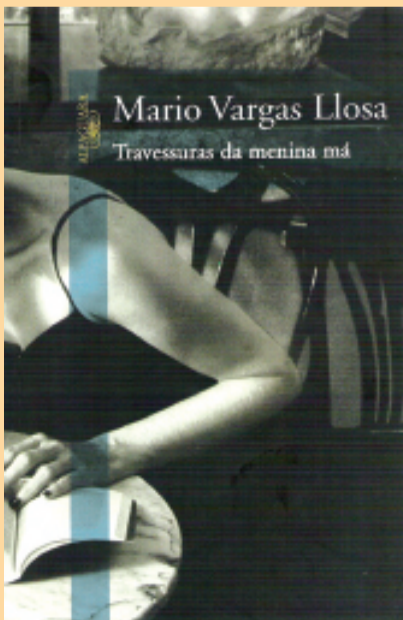
Para que a notícia se realize como forma de conhecimento e possa tornar-se uma apreensão crítica da realidade, o singular exige um mínimo de contextualização do particular. Não se espera que as notícias expliquem os acontecimentos em toda a sua complexidade. O jornalismo reproduz os fatos pelo ângulo da imediaticidade do mundo. Mas as notícias devem enunciar as singularidades que sejam de interesse público e estejam envoltas em contextualização. No caso da manchete **Oh, Meu Deus**, esse “singular” personalizado prioriza o entretenimento e não a informação jornalística.



**Márcia Franz Amaral**

Professora do mestrado em Comunicação Midiática da UFSM

## DICA CULTURAL



## LIVRO

**Livro: TRAVESSURAS DA MENINA MÁ**

**Autor:** Mario Vargas Llosa **Editora:** Alfaguara

**Preço:** R\$ 25,00 (pela internet) **Quem leu?** Orlando Fonseca\*

Com facilidade, pode-se reconhecer no escritor peruano, Mario Vargas Llosa, um dos melhores ficcionistas americanos, com lugar seguro na literatura universal. Além da sua magistral narrativa em *Conversa na catedral*, inúmeros outros títulos dão testemunho das qualidades deste autor. Para o leitor que ainda não o conhece, ou para quem ainda reste alguma dificuldade em reconhecer os seus méritos literários, uma boa dica é dar uma conferida em uma de suas últimas publicações, *Travessuras da menina má*, de 2003. Narrado em primeira pessoa, relata as aventuras e desventuras do peruano Ricardo, trabalhando como tradutor em vários lugares: nos anos 60 em Paris, no período de revoluções; nos 70 na Londres dos hippies e em Tóquio, em meio ao submundo mafioso; e nos 80, em Madri, e suas mudanças políticas. Estas andanças têm um motivo: a paixão por Lily, a tal “menina má”. Então, mais do que um romance cheio de lances inusitados, tem-se neste livro um painel interessante sobre as mudanças culturais do mundo, em três décadas. (\* Professor do departamento de Letras Vernáculas da UFSM)